

DANIEL LOURENÇO

Carlos Esteves, representante da ANF em Braga

«Várias farmácias em risco de encerramento em 2013»

O ano de 2013 pode ser desastroso para o setor farmacêutico, caso o Governo não altere as atuais políticas do medicamento. A Associação Nacional de Farmácias antecipa um ano negro, estimando que poderão fechar até 600 de entre as cerca de 2700 farmácias que existem em todo o território nacional. «Um problema que afeta por igual e de forma homogênea, todas as farmácias do país, sejam de cidade ou de aldeia, do norte ou do sul, do continente ou das ilhas», afirma Carlos Esteves, representante em Braga da Associação Nacional de Farmácias.

O diretor da Farmácia Lima (rua dos Chãos, Braga), tem conhecimento «de situações muito complicadas», nesta região, adiantando que «já houve despedimentos» e que há inclusive algumas «farmácias que estão com fornecimentos suspensos» e outras em situação ainda mais grave, estando sob «administração judicial», em situação de pré-falência.

Carlos Esteves é responsável pelo círculo de Braga, que abrange os concelhos de Braga, da Póvoa de Lanhoso, de Vieira do Minho, de Terras de Bouro, de Amares e Vila Ver-



ANTÓNIO SILVA

O diretor da "Farmácia Lima" é o representante em Braga da direção da Associação Nacional de Farmácias

de. São cerca de 50 as farmácias neste território, representando à volta de 300 postos de trabalho, muitos deles em risco e alguns já perdidos.

Sem apontar nomes de farmácias (alegando que cada uma tem direito à sua privacidade), Carlos Esteves admite que, na área do círculo que representa, «desde o início des-

te ano», já terão sido despedidos «mais de uma dezena de profissionais de farmácia». E avisa que a tendência para 2013, é para piorar. «Com o atual cenário imposto pelo Governo, em que os encargos são supe-

riores às margens de lucro, será inevitável. Ou há despedimentos, ou encerramentos de farmácias. O pior é que saem pessoas e as farmácias não têm capacidade para contratar jovens, que todos os anos

estão a sair das universidades», nota.

O próprio Carlos Esteves tem na sua posse «uma pilha com dezenas de currículos», que lhe foram entregues por jovens farmacêuticos, «a maioria recém-formados, e outros despedidos há pouco tempo», à procura de emprego. «No espaço de um ano, o monte cresceu mui-

Na região de Braga existem farmácias em sérias dificuldades, algumas até já estão sob administração judicial

Perante o cenário de dificuldade, em finais de setembro, as farmácias portuguesas foram chamadas a «fazer luto», numa iniciativa nacional que envolve a Associação Nacional de Farmácias, estudantes de farmácia, jovens farmacêuticos e sindicatos do setor. Em várias farmácias de Braga é possível ver faixas pretas e mensagens de alerta para a crise.

«No meu caso, na Farmácia Lima, também tive uma faixa, que já não está. Mas o luto continua em todo o país até que a situação seja alterada», explica Carlos Esteves.

Nesta campanha de alerta e sensibilização, as farmácias informam a população em geral da situação atual. Além do risco de encerramento de 600 farmácias nos próximos meses, é revelado que, neste momento, são mais de 1250 as farmácias com fornecimentos suspensos, mais de 450 com processos judiciais. No total, as farmácias portuguesas têm uma dívida litigiosa de 300 milhões de euros.

A iniciativa «Farmácias de Luto» exige, entre outras, as seguintes medidas: nesta fase de emer-

gência, enquanto não são adotadas outras medidas de fundo, que o relacionamento financeiro entre a indústria farmacêutica, os grossistas e as farmácias seja de pagamento a 90 dias (e não dos 30 atuais), mantendo-se as atuais condições comerciais; revisão do regime de preços; criação de condições de concorrência na indústria de marca; responsabilização das farmácias no desenvolvimento de genéricos; responsabilização dos hospitais do SNS pela redução da despesa com medicamentos.



DR

«Farmácias de Luto» desde finais de setembro

to», admite.

Neste momento, a Farmácia Lima não só exclui a possibilidade de contratar mais pessoal, como também teme pela manutenção do atual quadro. Além de Carlos Esteves e a esposa, trabalham na Farmácia Lima mais seis funcionários. «Infelizmente, não sei até quando poderei aguentar com todos. O último dos seis farmacêuticos a entrar foi contratado a prazo, há cerca de meio ano, quando foi necessário reforço de pessoal por causa do alargamento do horário. Resta saber até quando. Mas, infelizmente, esta situação é geral, está a afetar rigorosamente todas as farmácias», avisa, acrescentando: «Já passei por muitas crises, ao longo dos anos, mas como esta nunca, porque agora não vemos luz ao fundo do túnel».

Durante este ano, já houve encerramentos noutras zonas do país. «É público que fechou uma na Régua e também no Porto. Aqui em Braga e nos concelhos desta zona, não aconteceu nem temo que tal possa acontecer até ao final deste ano», assegura Carlos Esteves. Porém, não pode dizer o mesmo relativamente a 2013. «Vou falando com colegas e, a continuar assim, pode haver encerramentos», avisa.

Farmacêuticos recordam que os salários não sofreram cortes

«Margem imposta pelo Governo não cobre custos de funcionamento»



Segundo as farmácias, as imposições do Governo estão a estrangular o negócio

DANIEL LOURENÇO

Enquanto as margens de lucro impostas pelo Governo forem as atuais, face aos custos de funcionamento, as farmácias não vão resistir muito mais tempo. O alerta da Associação Nacional de Farmácias é subscrito pelo dirigente Carlos Esteves, da Farmácia Lima, em Braga. Também ele sente os efeitos dos cortes.

«O processo já começou a ser negociado anteriormente, mas por imposição do atual Governo, só no último ano e meio, as farmácias foram obrigadas a baixar a sua margem de lucro. Foi imposto um corte nas margens de lucro dos medicamentos que oscila entre os 14 e os 20 por cento», explica o dirigente e farmacêutico bracarense.

Recorda, por outro lado,

que «esta margem não cobre os custos de funcionamento regular das farmácias».

Os lucros na venda de medicamentos não cobrem as despesas de funcionamento das farmácias

Além das rendas pagas pelos espaços comerciais e dos gastos mensais com energia, a principal fatia de

despesa de uma farmácia é o salário dos seus funcionários. «A situação atual afeta muito a todas as farmácias, sejam elas do interior ou da cidade, do norte ou do sul, porque os custos são os mesmos de antes: os salários dos farmacêuticos – que estão definidos em contrato coletivo de trabalho – não foram reduzidos e têm de continuar a ser pagos, além dos subsídios de fé-

rias e de Natal. E estamos a falar de salários superiores à média nacional. Recentemente, foi aprovada uma nova tabela salarial, mais leve, mas só se aplica a novos contratos e para os antigos continua a servir a tabela anterior. Estamos a chegar a uma situação insustentável e por isso é que já têm acontecido alguns despedimentos», lamenta.

A este cenário de redução de margens, acrescenta-se o da redução drástica nas vendas e preços. «Desde 2009, o preço do medicamento de marca baixou em média 6,1 por cento, ao passo que o preço de um genérico teve uma redução média de 56,8 por cento. Acresce a isto o facto de o mercado do medicamento em Portugal nos últimos dois anos se ter reduzido em 731 milhões de euros. Ou seja, se o Estado não gastou, as farmácias, que dependem em mais de 80 por cento das receitas médicas, deixaram de ter acesso a essa verba», explica Carlos Esteves.

Petição na Internet em defesa das farmácias

Mais de 11 mil pessoas já subscreveram uma petição na Internet «Pelo acesso de qualidade aos medicamentos e condições necessárias ao normal funcionamento das farmácias».

Este este número soma-se às mais de 220 mil assinaturas, que foram recolhidas nos últimos meses em formato papel e que já foram entregues ao Ministério da Saúde.

«A população está do nosso lado, mas temos a noção que isso não chega para fazer o Governo mudar, porque tem o apoio de uma maioria no Parlamento. Porém, temos de lutar, pois a continuar assim, o setor farmacêutico vai à falência e o país vai viver um retrocesso social de 50 anos», alerta Carlos Esteves, lembrando que o papel social das farmácias, devido à crise atual, está também hipotecado. «Ao longo dos anos, fomos dispensando medicamentos a crédito, nomeadamente para idosos que precisavam dos seus remédios, mas só podiam pagar quando recebessem a pensão de reforma. Agora, as farmácias estão a deixar de fazer isso», avisa.

Na petição que corre na Internet, pode ler-se o seguinte: «O encerramento de farmácias prejudica os cidadãos. As farmácias sempre estiveram perto das pessoas e assim devem continuar no futuro. A qualidade no acesso aos medicamentos exige o normal funcionamento das farmácias. Não queremos que as farmácias encerrem, exigimos que funcionem bem. O Governo tem a obrigação e a responsabilidade de criar as condições necessárias para que tal aconteça. Por isso mesmo, os signatários solicitam ao Governo que tome as medidas para que os portugueses tenham um acesso de qualidade aos medicamentos e para que as farmácias disponham das condições necessárias ao seu normal funcionamento».

Farmácias terminam ano de 2012 com resultados líquidos negativos

De acordo com os dados disponíveis neste momento, segundo a Associação Nacional de Farmácias (ANF), nenhum estabelecimento farmacêutico em Portugal vai apresentar resultados positivos no final do ano. «Todas vão apresentar resultados negativos», assegura Carlos Esteves, acrescentando que a estimativa aponta, em média, para «um resultado líquido negativo de 40 mil euros».

Um estudo independente, apresentado em julho pelo economista Pedro Pita Barros, confirma que «a presente situação económica das farmácias é insustentável uma vez que a sua atividade normal não lhe permite cobrir os custos fixos». Para que uma farmácia média atinja um resultado económico nulo, carece de «uma remuneração adicional de 2,43 euros por receita, ou de 94 cêntimos por embalagem, para os atuais níveis de preços».

Segundo Carlos Esteves, este estudo, «vem ao encontro de outro, realizado uns anos antes, pela Autoridade da Concorrência», que alertava para o problema dos cortes excessivos. «De acordo com esse estudo, a sustentabilidade das farmácias estaria em risco caso os cortes nas margens fossem superiores a 5 por cento. E o cenário atual é de cortes que oscilam entre os 17 e os 20 por cento. Por isso é que estamos na atual situação», explica o delegado, em Braga, da ANF.

A associação afirma também que não há equidade nas medidas do Governo. «Nas farmácias, os objetivos de poupança são cumpridos e ultrapassados, mas nos hospitais não são», acusa.

Estima-se que as farmácias apresentem um prejuízo de 40 mil euros no fim do ano

Várias farmácias em risco de fechar em 2013
